



LISBOA, 28 DE NOVEMBRO DE 1913

## "ELEIÇÕES" MUNICIPAES



LISBOA: — Meu rico Zézinho, dá-me cá o teu voto!...

ZÉ: — Já não vou n'esse bote... foi tempo; por agora abstenho-me...



## NUNCA MAIS

— E agora!? perguntou-nos alguém no dia seguinte ao das eleições, referindo-se ao valioso esforço (como numero, é claro) obtido pelo governo, para o sustentar no parlamento.

E agora?! — agora temos o sr. Affonso Costa com mais trinta e tres tentaculos a segurar-o ao poder, dispensando todas as muletas camachistas e independentes, e rindo a faltar do seu antigo alliado do Calhariz e da picaresca opposição do aviador da rua Garrett, conservando nas suas mãos as redeas da governação publica enquanto muito bem quizer e entender.

Não tenham illusões. O becco não tem sahida. E se não, vejamos.

Segundo a Constituição, as camaras não podem ser dissolvidas seja sob que pretexto for. Este principio ou, para melhor dizer, este erro, assente na lei basica do Estado, d'uma forma insophismavel, só permite que seja chamado a formar governo o partido que tenha maioria parlamentar, negando, portanto, o direito de consulta (passe o termo) ao paiz aos outros grupos politicos, que d'esta forma ficam sujeitos eternamente ao papel opposicionista com a representação que por esmola o ministerio lhe quiz conceder.

Quando a Constituinte houve por bem desovar-se em camaras dos deputados e senadores, resultou, pela subita e desordenada divisão do antigo partido republicano, um *gáchis* impossivel de remediar senão por um acto violento incompativel por certo com as normas... Nenhum dos novos grupos possuia maioria para governar, estando, portanto, o deseju ibrado equilibrio constitucional do novo regimen dependente do accordo d'esses grupos. São por demais conhecidas as experiencias que se fizeram n'esse sentido para que seja necessario o recordal-as.

Mas o que é opportuno e preciso recordar n'este momento é a forma como os democraticos se portaram nas concentrações, de forma a inutilisal-as successivamente, para que todas essas lebres fossem sendo corridas e surgisse emfim o authentico coelho... da Costa!

Uma vez no poder, o senhor Feudal da Republica, sustentado pelo cinturão electrico do Calhariz, viu — o que de resto toda a gente via, menos os srs. Brito Camacho e Antonio José — que o governo que obtivesse uma vez maioria parlamentar nunca mais sahiria do poder, salvo... por d' spepsia resultante do cansaço dos orgãos digestivos, o que não é facil de dar-se, graças á rjeza dos estomagos.

As eleições parciais, habilmente urdidas com successivas *renuncias d'amigos*, torneram a ambicionada occasião de arrendar em magnificas condições o poder por... 99 annos, que vemos ser o periodo maximo que o codigo permite.

Como o sr. Affonso Costa se desempenhou d'essa missãõ, viu toda a gente no já agora celebre dia 16.

E agora?! Agora, é d'uma simplicidade infantil.

A constituição marca eleições geraes para o proximo anno, e até lá está o gabinete do sr. Affonso Costa absolutamente garantido com a maioria que obteve.

Em 1914 consultará as urnas (gentileza escusada) e *como nunca um governo perde as eleições*, ganhará tantos círculos quantos quizer, dando os restantes (uns dois ou tres aos unionistas e uns tres ou quatro aos evolucionistas, quando muito) para as opposições, visto todas as peças de grande espectáculo necessitarem sempre dos chamados comparsas de panno de fundo.

De novo, o sr. Affonso Costa ficará com maioria (e que maioria!) por mais 4 annos, voltando em 1918 a fazer eleições, que, como sempre, lhe permitirão vida parlamentar desafogada até 1922, anno em que repetirá perante as urnas a mesma cerimonia, voltando estas a dizer ao governo (porque foi só para isto que se inventaram as eleições) que se deixe estar, o que elle fará, visto ser essa a vontade do *povo soberano eleito*; e assim successivamente de 4 em 4 annos, até... até á consumação dos seculos!

Exageramos? Não contamos com os imprevistos que possam surgir d'um momento para o outro?

Mas quaes imprevistos? Os imprevistos do sr. Brito Camacho? Os imprevistos do sr. Antonio José d'Almeida? Os imprevistos do sr. Machado Santos? Ora... bolas!

Do que esses illustres cidadãos são capazes já todos nós estamos inteirados no edificante espectáculo que nos teem offerecido durante tres annos de tristissima figura e involvidavel memoria.

Hão-de gramar o Czar Affonso como elle quizer e até

quando elle quizer, porque em face da bella constituição republicana, está demonstrado á puridade, que o partido que uma vez consiga obter maioria nunca mais tem que sahir do poder, porque nunca um governo — não é demais repetil-o — perdeu as eleições. E para saltar por cima da constituição no que for preciso e quando for preciso, ninguém mais habil, mais audaz e pratico do que o chefe dos democraticos e *de los demás!*...

O becco não tem sahida, convençam-se. A não ser que se fizessem obras radicaes com a expropriação d'alguns terrenos — hypothese de que duvidamos pela falta d'obreiros capazes.

## MAUS FIGADOS

N'esta quadra, em que o tempo corre incerto, as depressões atmosfericas exercem a sua influencia, mal dispoendo os cerebros fracos e irritando a bilis áquelles a quem os tropicos puzeram os figados em mau estado. E' por isto, naturalmente, que a *Republica* de domingo, depois de nos ter devorado o *H* ao titulo, acaba por nos chamar *affonistas*, e, achando pouco, alcunha-nos tambem de medrosos.

Christo soffreu muito mais, por amor da Humanidade, e o sr. Affonso separou-o!

Ha duas pessoas n'esta casa que já se honraram de estar presas por não serem republicanas. Uma por suspeita de dar guarda ao illustre director d'*O Dia* e nosso querido amigo, sr. Moreira d'Almeida, e outra por suspeita de ser conspirador. Cá estão fóra já os dois, até que outras *almas caridosas* se lembrem d'arranjar nova *fito*. O que podemos entretanto afirmar á *Republica* é que nenhum d'elles, até ao presente, que nos lembre, fugiu para nenhum quarto andar, nem tão pouco para Algeis... Garantimos-lhe que todas as doenças nos poderão matar, menos uma que até faz a cabeça branca a muita gente: o medo...

Por aqui vegetamos á conta de Deus e dos *patriotas*, enquanto estes entenderem que podemos viver.

Já uma vez aqui fizemos as nossas afirmações de principios e não é demais repetil-as áquelles que são cegos por não quererem ver: somos monarchicos, como sempre fomos e como continuaremos a ser. Somos homens d'uma só fé, illuminada sempre pelo mesmo sol, ainda mesmo durante o eclipse...

Quanto ao futuro, não se incomode a *Republica*, porque elle será o que tiver de ser, e para prevenir todas as hypotheses, até é este o segundo numero do nosso semanario composto em typographia que ha dias adquirimos... para que não haja escrupulos quando nos chegar o tal *dia-critico* que o sr. Affonso Costa marcar, como appeteceu á *Republica* dizer.

O *Thalassa*, para viver, só precisa que o publico o procure como até aqui tem feito. Dispensa bem todos os *favores* do sr. Affonso, do sr. Antonio ou do sr. Brito, pessoas que poderão ser para elle muito respeitaveis como homens, mas que lhe são detestaveis como politicos. Que isto fique assente.

De todo o seu aranzel, uma coisa lhe não perdoamos, a não ser que no-la restitua; é o nosso *H. Thalassa* sem *H* não é um *Thalassa* thalassa; é um *thalassa* assim da força do novo deputado d'Alcobaça.

Até rima...

## DESCER TANTO, NÃO!

Diz O *Intransigente* que o sr. conselheiro Freire d'Andrade é o auctor da proposta para que os funcionarios do ministerio de instrucção publica prestem juramento de fidelidade ao regimen vigente. Pedimos licença ao nosso collega *Intransigente* para não acreditar. E' natural que a informação não seja de boa fonte. Pode descer-se muito, mas não tanto. Apesar de tudo, não nos parece que no sr. Freire d'Andrade tenha *progredido* tanto a *brotoeja republicana*, como diria o heroe do 5 d'abril.

## A GALERIA D' "O THALASSA"

Brevemente a empresa d'este semanario encetarã a publicação d'uma Galeria, onde serão publicados retratos *charges* das figuras mais em destaque na politica monarchica portugueza. Assim o *Thalassa* procura satisfazer o pedido instante de muitos dos seus leitores, que desde alguns mezes veem reclamando a criação d'este album.

## À CEREMONIA DE SYGMARIGEN

E' finalmente posta á venda a nossa edição extraordinaria, commemorativa dos esposas de Sygmarigen, na proxima terça-feira.

A todas as pessoas que nos enviarem 110 réis em estampilhas remetteremos um numero.



## NORTADAS

Dizem que um sabio estrangeiro  
Que no Pancreas faz estudos,  
Descobriu, mas que embusteiro!  
Casos deveras bicudos!

Imagina, meu leitor,  
Que o sabio todo se ufana,  
Por descobrir o valor  
Que vae ter a carne humana;

Do Pancreas faz as delicias,  
E é tenra e digestivel  
Que chega a ter as primicias  
D'alimento apeteivel.

Diz até o sabichão  
Ser melhor a carne d'homem,  
E d'isso dá explicação  
Aqueles que a consomem!

Eu francamente, confesso  
Prefiro a carne d'um macho  
Do que em face do progresso  
Ter de comer o Camacho!

D. Pengrenelas.

## O 70 + 20 + 2

O já celebre 92, o illustre vice-vereador da camara *sem fumo* e habil concerta-chapeus-de-sol, metteu hombros democraticos á redemptora obra da laicisação d'esta linda cidade de marmore e granito, onde o lixo se agglomera e a imundície se amontoa, fazendo substituir nos letreiros das ruas, praças, largos, calçadas, travessas, becos e pateos, todos os nomes de santos e santas.

Bem haja! Um dia virá em que algum *carneiro* livre-pensador lhe dedique uma estatua... de cabos de bengalas!...

Mas, — sempre o arreliamento *mas* — depois de completa aquella sua obra genial, quanto não ficará ainda por fazer?!

Então só nos nomes pintados nas esquinas é que está o perigo *jasuítico*?!

Se ficar por ahí, quantas vezes não teremos ainda de nos servir de expressões mais ou menos reaccionarias?!

Consentirá o preopinante que lhe ofereçamos cigarros de *Santa Justa*, pastéis de *Santa Clara*, rebuçados de *Santa Cruz*, pastilhas de *Santa Helena*, bolachas de *Santo Alberto*, pãesinhos de *Santo Antonio*, chouriços de *S. Gonçalo* (muito apreciados no Calhariz), um caldinho de farinha de *S. Bento* ou um sabonete de *Santa Iria* da fabrica do sr. Grandella?

Deveremos continuar a dizer: estação de *Santa Apolonia*, hospital de *S. José*, hospital de *Santa Martha*, santa casa da mizericórdia?

E como teremos de chamar aos cães de *S. Bernardo*, á estrada de *S. Thiago*, ao livro de *S. Cyrillano* e á palmaria de *S. Roque*. Deverá o papá d'esta *senhora* continuar a chamar-se Machado dos Santos?

Poderá permittir-se que se conservem no exercito, sem chrisma, um general *Encarnação* Ribeiro, um coronel *Ascensão*, um capitão *Santa Clara*, um tenente *Dóres* e um alferes *Sant'Anna*, e que da nossa armada faça parte um cruzador *S. Gabriel*?!

A nossa nomenclatura chorographica é, salvo seja, uma *Ladainha de todos os santos*!

Aqui quasi ás portas da capital, nas bochechas da autoridade, temos a Povoia de *Santa Iria*, e a sua collega de *Santo Adrião*, *S. João* e *Santo Antonio* do Estoril, *Santo Antão* do Tojal, *S. Bartholomeu* da Charneca...

E por esse paiz fóra?... *S. João* das Lampas, *Santo Estevam* das Galés, *S. Pedro* da Cadeira, *S. Thiago* do Cacam, *S. Thiago* do Escoural, *S. Miguel* de Machede, *Santa Eulalia*, *Santo Aleixo*, *S. João* dos Caldeireiros, *S. Mathias*, *Santa Clara-a-Nova*, *Santa Victoria*, *S. Martinho* da Abobada, *S. Brissos*, *Sant'Anna* de Cambas, *S. Marcos*, *S. João* de Negrichos, *S. Bartholomeu* de Messines, *S. Marcos* da Serra, *S. Braz* de Alportel, Villa Real (horror!) de *Santo Antonio*, *S. Vicente* de Paul, *S. Martinho* do Porto, *S. Pedro* de Muel, *S. Cosme* do Val, *S. Chrystovam* de Nogueira, *S. Joanninho*, *S. Romão* de Aregos, *S. Pedro* dos Arcos, *S. Xisto*, *S. João* d'Areias, *Santa Comba* Dão, *S. Thiago* de Besteiros, *S. Chrystovam* de Lafões, *S. Pedro* do Sul, *S. João* da Pesqueira, *S. Vicente* da Beira, *Santo Antonio* dos Olivaeas, *S. Martinho* do Bispo, *S. Paio* de Codeço, *S. Martinho* da Cortiça, *S. Lourenço* do Bairro, *S. João* da Madeira, *S. João* da Foz, *S. Mamede* d'Infesta, *S. Miguel* das Aves, *S. Martinho* de Dume, *S. Miguel* de Seide, *S. Mamede* d'Este, *Santa Maria* da Torre, *Nossa Senhora* da Graça, *S. João* Baptista, *Santa Maria* de Penaguão, *S. Mamede* de Riba Tua...

Se empreendemos uma curta viagem de *cabotinagem* para o sul, passamos á vista do cabo de *S. Vicente* e do de *Santa Maria*. Alongando a derrota poderemos visitar as ilhas de Porto Santo, *S. Miguel* e *S. Jorge*, e depois as de *S. Thiago*, *Santo Antão*, *S. Vicente*, *Santa Luzia* e *S. Nicolau*, e mais alem a de *S. Thomé*.

A flora luzitana é uma calamidade! Um pavor!... E se não vejamos: favas de *Santo Ignacio*, uvas de *Nossa Senhora*, herva copada de *S. João*, herva da *Trindade*, herva de *S. Chrystovam*, herva de *S. Julião*, herva de *S. Roque*, herva de *S. Thiago*, herva de *Santa Barbara*, herva de *Santa Maria*, herva do *Espirito Santo*, herva *Santa*, ameixas e figos de *S. João*, peras de *Santo Antonio*, pepinos de *S. Gregorio*, rozas de *S. Francisco*, martyrios do *Senhor*...

A mina mais rica do paiz e de mais vasta exploração é a mina de *S. Domingos*.

As feiras mais importantes na roda do anno são as de *Santo Antonio* em Vizeu e Villa Real, a de *S. João* em Evora, as de *Santa Maria* e *S. Lourenço* em Beja, a de *S. Matheus* em Elvas, a de

*Santa Iria* em Faro, a de *S. Miguel* em Cabeceiras de Basto, as de *Todos os Santos* em Borba e Alvito e as de *S. Martinho* em Penafiel e na Gollégã.

Em muitas localidades os arrendamentos rusticos e n'algumas os urbanos, apesar da *lei affonsina do inquilinato*, são feitos pelo *S. João*, pela *Santa Maria*, pelo *S. Miguel*, ou pelo *S. Martinho*. Já vê, pois, o illustre vereador de galão branco, a mesquinhez da sua iniciativa comparada com o quasi infinito que ella não pode attingir!...

Tem que render-se á evidencia de que desempenhar o cargo de vereador da camara municipal de Lisboa, ainda que por mera hypothese, é um pouco mais difficil do que organizar o *cartel* de uma corrida com picadores e tudo...

— Quem te manda tocar rabeção?

Cada um p'r'o que nasceu!...

Enne-Ësse.

## NEUTROS

O jornal de S. Roque diz que o sr. Antonio José d'Almeida e o sr. Brito Camacho são *neutros*.

Aqui está a explicação porque elles nunca produziram coisa alguma.

## NÃO VÁ, NÃO VÁ...

Que o sr. Brito Camacho está resolvido a deixar a politica e a ir viver para Paris — annunciam os jornaes.

Assim realmente tinha promettido ao sr. Magalhães de Lima, ha annos, conforme nós aqui contámos n'um dos ultimos numeros, se a republica não fosse o que elle tinha sonhado.

Mas o que teria o sr. Brito Camacho sonhado.

Só o sr. João de Menezes o sabe, porque é o unico confidente dos seus sonhos, Maganão!...

## O MOLEQUE

Referindo-se á eleição do sympathico moleque Henrique Vasconcellos, diz o nosso collega humoristico a *Patria* que este *siô* abraçou ha muito tempo os principios avançados, sendo antigo admirador do sr. Affonso Costa.

Vêem?! Já assim era quando escrevia a *enseada azul* em homenagem á Rainha D. Amelia.

Atchim!...

## QUE HONRA!...

Não foi só o nosso collega Caracoles, dos *Ridiculos*, que se abiscoitou com votos nas ultimas eleições. Cá por casa tambem houve d'isso.

O nosso prezado amigo Aprigio Mafra, gerente do *Thalassa*, apañou um voto no circulo de Portalegre para deputado regionalista.

Consta-nos que esta homenagem foi indicada pelo sr. Affonso Costa como testemunho d'apreço pelo nosso semanario.

Aprigio Mafra ficou muito commovido com o cheiro dos 3.333 reis.

Já queria, seu guloso!...

## AINDA O JURAMENTO

Escreve-nos muito afflicto um funcionario do Estado, que se diz thalassa, receando que pela segunda vez na sua vida lhe façam uma imposição; a primeira, diz o homemsinho, foi uma vez n'uma estrada um bandido apontar-lhe uma pistola ao peito e gritar-lhe o classico *a bolsa ou a vida!* e agora esta do juramento, e muito afflicto pergunta-nos o que ha-de fazer.

Olhe: faça o mesmo que da outra vez; não deu a bolsa para não ficar sem a vida? Dê agora o juramento para não o porem no meio da rua. Para consolação lembre-se que o sr. Ferreira do Amaral jurou ser fiel á monarchia e a final elle é hoje deputado por Alcobaca. Isto sem falar n'outros *cidadões* com fumo e sem fumo...

Vá jurando... e andando para não perder tempo...

## SANEANDO

Os srs. *defensores* resolveram sanear a policia.

Applaudimos a resolução.

Os tempos não vão para desperdícios. Ter uma policia effectiva e outra honoraria era muito-luxo. Que fique só a primeira, porque é quanto basta, biologicamente fallando.





— Sr. Conde, V. Excellencia tem mais algumas ordens a dar ? . . .  
— Olha, diz ao mordomo que communique ás pessoas das minhas relações, que passo agora a receber das 11 da manhã á 1 da tarde . . .



ENTREVISTA COM O SR. DR. ANTONIO JOSÉ

## OPPOSIÇÃO TEZISSIMA

O espirito de S. Ex.<sup>a</sup> — Precocidade. — A natureza caprichosa. — Triumpho eleitoral. — A pratica, o bico Auer e os jesuitas. — O programma da opposição. — Os democraticos tem as mãos pezadas.

O partido evolucionista é o mais numeroso da opposição parlamentar. Uma entrevista com o seu illustre chefe n'este palpitante momento historico estava, portanto, indicada, a fim de bem informar não só os nossos leitores, mas tambem, e principalmente, a Europa, que ha muito tem os olhos postos n'este intrepido e arrojado aviador.

Escolhemos a manhã d'hontem para esta importante e delicada missão, e confessamos que, apesar de não ser já a primeira vez que iamos entrevistar S. Ex.<sup>a</sup> para o *Thalassa*, não foi sem um certo temor nervoso que nos dispozemos a tão melindrosa ascensão no *Bleriot* da rua Garrett.

Quando chegámos á séde do diario evolucionista, onde, por combinação prévia, o sr. dr. Antonio José d'Almeida nos marcou a entrevista, transpunha o limiar da sala principal o sr. dr. Celorico Gil, ornamento dos mais illustres d'aquelle gremio politico.

S. S.<sup>a</sup> dignou-se honrar-nos com aquelle sorriso acolhedor que para sempre nos labios dos homens superiores e, n'um requinte d'amabilidade, informou-nos que o seu chefe já nos estava aguardando havia alguns minutos.

Dominados por intensa commoção, entrámos no gabinete do antigo idolo popular.

— Mil perdões de V. Ex.<sup>a</sup> se nos fizemos esperar, balbuciamos, reverentes, accommodando o chapéu e a bengala a um canto do gabinete.

— De forma alguma. Eu é que cheguei mais cedo porque faço sempre isso por principio, retorquiu-nos o sr. dr. Antonio José mettendo os seus dedos bem tratados pela fulva cabelleira prateada. Chego sempre com antecedencia por causa da consequencia...

— Qual consequencia?

— A que resulta da falta da antecedencia.

Maravilhados com a transcendencia de tão alta resposta philosophica, abordámos directamente o assumpto que ali nos levava.

— Deseja então saber o que penso sobre a situação politica.

— Justamente. Todos os olhos, incluindo os dos cegos, estão n'este momento fixos em V. Ex.<sup>a</sup>. Compreende, portanto, como são ansiosamente esperadas as suas declarações sobre o que pensa da actual situação politica.

— O que penso?! Mas penso tanto, meu caro amigo, que difficil se torna concretisar o meu pensamento. E devo dizer-lhe: tenho mesmo pensado demais, a ponto de n'estes ultimos dias os meus amigos mais intimos se terem assustado, receando pela minha saude.

— E com razão, porque a historia regista casos fataes. Não deve abusar, sr. doutor...

— Bem sei. Mas que quer? Affiz-me a isto desde creança! Eu era ainda muito pequeno (porque eu tambem fui pequeno como toda a gente) e já pensava muito.

— Que precocidade!

— Olhe: d'uma vez, lembro-me como se fosse hoje, tinha acabado de mamar, e a ama poz-me d'enxuto. Ainda bem a boa mulher não tinha terminado aquelle serviço, já eu estava novamente necessitado de roupa lavada. Puz-me então a pensar porque seria a natureza physiologicamente tão caprichosa?

— E descobriu?

— N'aquelle occasião não. Mas mais tarde encontrei a explicação. E é o que quasi sempre acontece. Olhe: eu tenho a certeza que a explicação de muita coisa que eu tenho feito ultimamente só mais tarde é que ha-de apparecer com clareza... Tal qual como os caprichos physiologicos da natureza... Nem mais.

— Mas de tudo o que V. Ex.<sup>a</sup> tem pensado, a que conclusão chegou.

— A uma absolutamente insophismavel. Que o paiz está todo com-migo.

— Porém, as eleições de domingo...

— Foram uma prova evidente da minha popularidade.

— Como assim?!

— É que os senhores, e principalmente os senhores, que são jornalistas, não prescutam o amago dos factos, limitando-se a olhais-os só na apparencia brutal que elles offerecem á vista desarmada. Quantos deputados evolucionistas triumpharam?

— Segundo os apuramentos conhecidos, dois.

— Não é bem assim. Nós triumphámos em 37 circulos, porque todos os abstencionistas votaram em espirito commosco, e aquelles, como sabe, são a maioria.

— No entanto, praticamente...

— Praticamente! Que dó me faz ver as pessoas preocuparem-se com as coisas praticas. O que é a pratica?

— É o contrario da theoria — respondemos modestamente.

— E o que é a theoria? É o contrario da pratica, não é verdade? Ora a theoria é a sciencia. Ser contrario a esta é negar a civilização. Negar a civilização é condemnar o progresso. Condemnar o progresso, é apagar a luz electrica, porque esta é a sua mais brilhante manifestação depois do bico Auer. E se apagarmos a luz, ficamos nas trevas, e as trevas são a reacção, a capa negra dos

jesuitas. Como posso eu, portanto, ser pratico! Eu, que sou a incarnação da sciencia, da civilização, do progresso, da luz electrica!

— Realmente...

— Mas accedendo mesmo que vencessemos só em dois circulos. O que mostra isso?

— Mostra... pouca sorte...

— Não, senhor. Mostra que para nós, evolucionistas, dois deputados no parlamento valem por 33 democraticos, porque foi isso que a urna quiz dizer na sua eloquente manifestação.

— V. Ex.<sup>a</sup> está então satisfeito.

— Satisfeitissimo. O governo tem os seus dias contados, porque não poderá resistir á nossa opposição.

— Será então permanente, sem treguas. A acção do partido de V. Ex.<sup>a</sup> no parlamento vae ser...

O sr. dr. Antonio José d'Almeida, sem nos deixar concluir, continuou:

— Olhe: aqui tem o horario-programma que eu elaborei para guiar a opposição. A's 3.<sup>as</sup>, 5.<sup>as</sup> e sabbados, artigos de Alfredo Pimenta, na *Republica*, sobre a psychologia das multidões, para mostrar que o governo está divorciado de todas as classes. A's 2.<sup>as</sup> e 6.<sup>as</sup>, artigos sem assignatura affirmando que isto não pode continuar assim. A's 4.<sup>as</sup> fundo do ex-tenente Coelho fallando do 31 de janeiro; e aos domingos, sendo previamente annunciada ao sabbado, artigos meus intimando o governo a deixar as cadeiras do poder, sem mais um instante de demora, nas segundas-feiras seguintes. Hein! Que me diz a isto?

— Mas... E no parlamento?

O chefe evolucionista, sem nos responder, tornou:

— E não julgue que ficamos por aqui. Uma vez por semana conferencias sobre a pesca do atum, a vitalidade dos morcegos, a resistencia dos meteos atravez dos tempos e outros assumptos de palpitante interesse, e que bastante concorrerão para a queda do gabinete affonsista.

— E no parlamento, insistimos de novo, gritando com toda a força.

— Ah! sim!... No parlamento... no parlamento continuaremos a nossa acção decisiva, embora pautada, por aquella linha de conducta para os fins conducentes ao que se tem em vista, como disse um grande philosopho no dia da revolução.

E o sr. dr. Antonio José d'Almeida, acercando-se mais de nós, concluiu:

— Porque é preciso notar que no parlamento toda a prudencia é pouca. Os democraticos são alguma coisinha brutos de mãos, comprehende, não é verdade?

## QUEM DUVIDA?!

O nosso sympathico Estevão diz na *Patria*:

Tudo nos leva a crer que a victoria do nosso partido é colossal, o que manifestamente prova a completa identificação do pais com a obra grandiosa do Partido Republicano Português.

Mas quem duvida, tontinho?!

Hoje não ha ninguem ahi assim que não esteja identificado com as obras democratica do governo, jornalística e parlamentar do Estevão, e que não esteja convencido de que só algum *jazuita a soldo do dinheiro da traição* dirá o contrario. Juramos pela saude do sr. Ferreira do Amaral!

E não cae um raio...

## A TENDENCIA

O sympathico da rua Formosa diz nas *ultimas noticias* do dia 24 em telegramma:

«SETUBAL, 23. — T. — Terminada a conferencia do sr. França Borges, o sr. dr. Daniel Rodrigues e todos os visitantes foram ao Sanatorio do Outão e não a Palmela, como projetavam.»

Pois foi pena; os ares ali são bons e adequados... para certos organismos.

## QUEM DÁ E TIRA...

Escreve-nos um *leitor amigo* a informar-nos de que um dos primeiros actos deputativos do sr. Ricardo Covões é a apresentação d'uma proposta eliminando a pensão de 3.000\$000 rs. concedida pelas Constituintes ao fundador da Republica, o sr. Machado Santos, como premio do seu feito.

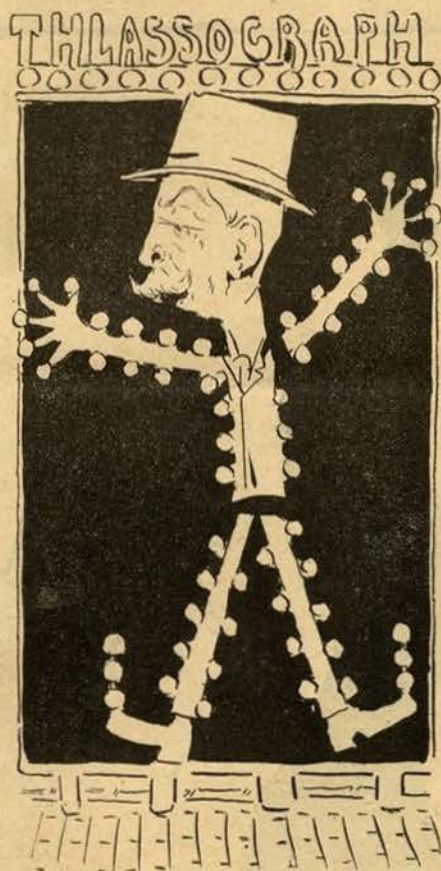
Tudo é possivel e já nada nos admira. De resto, a vingança é o prazer dos deuses. Ora como o sr. Machado Santos, segundo afirmou o sr. Manoel Alegre, queria matar o *bicho*, vae o sr. Affonso Costa e manda-lhe cortar o *bicho*...

Ca'a qual enterra a unha que tem!...

Mas não se rale o Pae da Republica; elles lhe deram, elles lhe tiram; lembre-se do adagio: *quem der e tirar ao inferno lá parar*. Ora, no inferno já elles andam sem dar por isso...



Conhecem-n'o?



Largo do Camões, telhado do Café Martinho

## A SURPREZA

O nosso *Chico das Pegas*, n'uma entrevista há dias publicada n'um jornal da noite, declarou que, na sua triumphal viagem diplomatica á França, o captivo extraordinariamente o facto de, n'um jantar em sua homenagem em casa do ministro dos estrangeiros do gabinete francez, lhe terem dado o logar d'honra.

Para onde esperaria elle que o mandassem?!...

Decididamente, se não existisse era preciso invental-o!

\*\*\*\*

## 16 DE OUTUBRO

Luminarias, discursos, banquetes,  
Bebedeiras levadas ao rubro,  
Muzicatas, vivórios, foguetes  
Marcam as eleições d'outubro.

Em presença do lindo apparato  
Esquece o povo o viver miserando  
Porque o Zé afinal é um pato,  
Patologicamente fallando...

## ROS NOSSOS AGENTES

Pedimos a todos os nossos agentes, cujas contas se encontram em atrazo, o favor de fazerem a liquidação dos seus debitos, a fim de nos não causarem embaraços na escripta e para nos não forçarem a mexer no «superavit»...

## HYMNO DEMOCRATICO

Versos para serem cantados com a musica da Margarida vae á fonte.

## MOTTE

Vae abrir o parlamento,  
Portuguezes, alegrar!...  
Equilibrou-se o orçamento!  
Toca a rir e a folgar...

Voltará a biologia  
E outras lácunas de pasmar!...  
Quer de noite, quer de dia,  
Portuguezes, é gozar!...

Recomeça a chafarica  
No palacio de S. Bento;  
Vae haver grossa trica,  
Por causa do monumento.

Santo Affonso de Ligorio,  
Genial, puro talento.  
Haja, pois, grande vivoio!...  
Equilibrou-se o orçamento!

Com ambaca e S. Thomé  
Aonde irá isto parar...  
Mas emfim tu gostas, Zé,  
Toca a rir e a folgar!

## AUTHENTICICO

Um medico, amigo politico do sr. Brito Camacho, propoz-se a deputado. Alguem, tendo visto o seu nome na relação dos candidatos, fallou-lhe no caso felicitando-o.

— Não é por ser deputado, porque isso pouco me importa, mas quero mostrar ao governo, que tem tantas farronças, as forças da União em Pinhel — elucidou o candidato unionista com superioridade.

Chegou o dia 16. E o amigo do sr. Brito Camacho obteve... 3 votos, na totalidade!...  
Que influencia!

## THEATROS

**NACIONAL.** — A's 9. — E' hoje que deve subir á scena pela primeira vez a peça de grande espectáculo, *A honra japoneza*, que tem tido extraordinaria procura de bilhetes.

**REPUBLICA.** — A's 9. — Ainda se representará esta semana a peça de enorme exito, *Papá*, que fará a segunda recita de assignatura.

**TRINDADE.** — A's 9. — *Princesa dos Dollars*, que tem attrahido a este theatro grande concorrência, constitue mais um triumpho para Judice da Costa, que tem n'aquella peça mais uma soberba criação.

**GYMNASIO.** — A's 9. — A engraçadissima comedia de André Brun, *A visinha do lado*, augmenta de dia para dia o entusiasmo do publico, em apreciar os actores comicos, Alegrem e Cardoso.

**APOLLO.** — *A Luva Branca, vaudeville* de Henequin e Veber, o grande successo do Palais Royal de Paris, continua sendo o espectáculo querido do nosso publico, por isso podemos garantir que o Apollo contará com enchenches consecutivas.

**AVENIDA.** — A's 9. — *A Rainha das rosas*, que tem feito uma revolução no nosso meio theatral, é sem duvida uma magnifica opereta. A musica que a reveste tem numeros inspirados que traduzem bem as diferentes scenas da acção da peça.

A *mise-en-scene*, de Armando de Vasconcellos, é excellente.

**RUA DOS CONDES.** — Conta já mais de 100 representações, a applaudidissima revista, *Peço a palavra*, que foi ampliada com novos numeros.

— O *Pathé Jograal*, que já entrou em ensaios de apuro, é uma peça phantastica de genero de revista, cujo entrecto nos dá a ideia de uma fita animatographica.

**COLYSEU DOS RECREIOS.** — A's 9. — Esta esplendida companhia continua todas as noites chamando enchenches colossaes a esta casa de espectaculos.

O trio brasileiro, *Ebrado-Off*, composto de dois homens e uma dama, esta phenomenal e assombrosa nos altos, que são executados com a mais perfeita e rigorosa arte.

O resto do espectáculo é formado pelas grandes celebridades da companhia.

**MODERNO.** — A's 9. — Todas as noites o publico applaude com entusiasmo a engraçada revista, *Os Grotescos*, em que o actor Costa soube interpretar com acerto os seus papeis.

**PHANTASTICO.** — A's 8 1/2 e 10 1/2. — Continua em scena a revista *A grande fita*, ultimamente ampliada com diversos numeros novos, que a tornam mais interessante.

## ANIMATOGRAPHOS

Os melhores, mais chios e de melhores fitas

**Salão Foz.** — A's 8 1/2 e 10 1/2. — Estrelou-se com geral agrado a cancionista Mari-o-chi, que é realmente unica no seu genero.

Com esta artista exhibe-se ainda a graciosa tonadillera Estrella Gitana, que muito tem agradado tambem entre nós.

**Salão da Trindade.** — Rua da Trindade.

**Terrasse.** — Rua Antonio Maria Cardoso.

**Olympia.** — Rua dos Condes.

**Central.** — Avenida da Liberdade.

**Chantecler.** — Praça dos Restauradores.



## OS POBRES DESAMPARADOS...

"Consta que o sr. Dr. Brito Camacho abandona a política e retira para o estrangeiro."

(Dos jornais).



**A BICHARADA:** Abandona a política, mas não nos abandones a nós, que morreremos á mingua!...  
**O INTELLECTUAL:** Filhos, entre vocês, que são o sangue do meu sangue, e Paris, «mon cœur balance»... Sem vocês não posso viver, mas Paris, oh que gratas recordações!... Vou consultar a «oníão dos intellectuaes»; soceguem.